



O REAL DO CORPO E OS LIMITES NO SUJEITO DO INCONSCIENTE

Eixo Horizontal: EH3: SUBJETIVIDADE, SOFRIMENTO E URGÊNCIA SUBJETIVA

Eixo Vertical: EV1: PRÁTICAS PROFISSIONAIS

Marina Leorne Cruz Mesquita; Fernanda Barbosa dos Santos; Vinicius Anciães Darriba;

O acompanhamento psicológico de crianças e adolescentes no ambiente hospitalar, guiado pelo olhar e escuta clínica psicanalítica, permite a constatação da maneira como o sujeito é tratado de modo distinto pela medicina e pela psicanálise. As intervenções médicas, focadas no tratamento curativo, muitas vezes tendem a abordar o corpo infantojuvenil como objeto de intervenções, desconsiderando o sujeito, sua fala e seus desejos - algo que tende a se intensificar nas clínicas pediátricas. Em contra partida, a psicanálise preza pelo que há de subjetivo e singular em cada caso, visando que, a partir do espaço de escuta e acolhimento oferecido e do laço transferencial estabelecido, as crianças e adolescentes, muitas vezes calados pela medicina, possam emergir como sujeitos diante do tratamento. Com o intuito de discorrer sobre esta questão, pretende-se trazer as colocações de Jacques Lacan em seu texto sobre “o lugar da psicanálise na medicina” e abordar a importância do corpo na psicanálise, considerando as formulações de Sigmund Freud quanto ao conceito de pulsão, localizando o corpo como uma construção simbólica, cuja imagem será projetada como tela no corpo real. Se o corpo é borda, superfície que comporta furos, tudo que faz borda é, portanto, da ordem da pulsão. Assim, o conceito de pulsão será conceito limítrofe entre o somático e o psíquico. Para ilustrar os pontos abordados, apresentaremos dois casos clínicos acompanhados no contexto do hospital, a fim de mostrar como o sujeito responde ao atravessamento de seu pathos, demonstrando suas respostas diante dos limites impostos pelo tratamento hospitalar e pela doença no real no corpo.